

O medo dos investidores

Roberto Carlos Francellino

O risco de um possível apagão em 2009 só chega a ser preocupante se for levada em consideração uma semente que os investidores vêm tentando plantar por aí: o fato de o país ainda não reunir as condições para atrair o interesse do investidor privado. Alguns deles vêm dizendo aos quatro ventos que as terras tupiniquins ainda não atraem o capital estrangeiro.

"O novo modelo é excessivamente concentrado no ministério, não é isonômico na relação entre agentes públicos e privados, e a artificialidade da modicidade tarifária, que se pretende que seja atingida com a separação entre energia velha e nova, subvaloriza o preço da energia. Isso assusta quem quer ganhar dinheiro no país", alerta Adriano Pires, da CBIE

A solução prevista pelo governo para uma possível falta de energia a curto prazo também preocupa os agentes. Uma delas - talvez a principal -, a conversão das térmicas a gás para também usar óleo diesel, esbarra em custos altos e não leva em conta a logística necessária para transportar todo esse óleo às usinas, que, por sua vez, não possuem grandes estruturas de armazenamento. Por outro lado, o aumento do investimento da Petrobras na área de Gás e Energia ainda é visto com desconfiança pelo setor privado quanto à capacidade de suprir todas as térmicas do país. Até porque é sabido que não há - e não vai haver durante algum tempo - gás natural para acionar todas as térmicas.

Na avaliação feita pela CBIE, num cenário de baixo crescimento térmico, em 2008 haverá um fraco equilíbrio entre oferta e demanda. E num cenário de maior demanda térmica, o desequilíbrio já ocorre no final de 2007. Um déficit que pode chegar a 5 milhões de m³/dia de acordo com a associação.

Sem transparência - Outro ponto criticado pelas associações ligadas a investidores privados é a falta de transparência das reuniões do Comitê de Monitoramento do Sistema Elétrico (CMSE), instalado pelo governo em 2003 para avaliar possíveis problemas no curto e médio prazo. Os resultados dessas reuniões, que têm participação de representantes de Aneel, ONS, MME e estatais, não são divulgados pelo ministério, gerando desconfiança com relação à atual e futura situação energética do país.

"As reuniões do Copom, que são muito mais importantes para nossa economia, são divulgadas na íntegra. Porque temos de ficar nessa cegueira aqui fora?", questiona o presidente da **Câmara Brasileira dos Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), Cláudio Sales.**